



ENSINO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E IA

Suelen Martins; suelen.martins@profarnaldo.com.br; UniArnaldo

Modalidade: Artigo

Área Temática: Inteligência Artificial (IA) e o Novo Ecossistema de Aprendizagem.

Resumo

Este relato de experiência qualitativo e descritivo é uma reflexão sobre a contribuição da Inteligência Artificial (IA) para o estudo da variação linguística por um grupo de estudantes de Ensino Médio de um colégio privado confessional de Belo Horizonte (MG). O trabalho objetivou a leitura da novela sociolinguística *A língua de Eulália*, de Marcos Bagno (2010), e a realização de um trabalho investigativo que contemplasse o uso da IA sobre as variantes da língua. No desenvolvimento da experiência educativa, foi escolhida a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP), pois permite ao aluno a resolução colaborativa de problemas altamente motivadores e envolventes – no caso, a reflexão sobre a língua. Os estudantes foram instigados a refletir sobre a obra e a produzir um glossário, com definições de termos da variação da língua, e entrevistas com o auxílio da Inteligência Artificial Generativa (*ChatGPT*). Eles também produziram um repositório *on-line*, um *Padlet*, onde postaram os resultados do estudo sobre variação linguística. Ao final, foi possível notar que a investigação da variação linguística foi potencializada pelo uso da IA, possibilitando aos alunos formular perguntas de entrevista e criar o glossário. A experiência ainda permitiu o fortalecimento do letramento em IA e o avanço nas habilidades digitais de maneira mais aprofundada, a fim de construir uma aprendizagem mais significativa do estudo linguístico. Além disso, observou-se a necessidade de mudança da cultura escolar a fim de que a IA seja reconhecida não como uma ferramenta substitutiva, mas como aparato auxiliar na compreensão de um dado objeto do conhecimento.

Palavras-chave

Inteligência Artificial; Variação Linguística; *ChatGPT*.



Introdução

Se há algo que perfila o século XXI, com certeza, é a produção e a circulação de uma quantidade significativa de informações que podem ser acessadas com apenas um clique. Nesse contexto, diversas instituições sociais, principalmente a escola e seus atores, sofrem transformações consideráveis. Os alunos, em sua maioria, dispõem de ferramentas de acesso às diferentes informações e estão no centro do processo de aprendizagem, como protagonistas responsáveis pela busca e pela construção do conhecimento significativo. Os professores já não são mais os detentores únicos do saber e assumem, nessa lógica, a função de mediadores, usando as metodologias ativas (Aprendizagem Baseada em Projetos, por exemplo) como um caminho para promover o conhecimento. Esses professores, na condução do ensino, são obrigados a ensinar aos estudantes “os quatro Cs – pensamento crítico, comunicação, colaboração e criatividade” (Harari, 2018, p. 278), a fim de que os alunos possam enfrentar os desafios do mundo contemporâneo. Aliás, o que Harari (2018) preconiza dialoga com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS) de número 9, o qual, além de prever a construção de uma infraestrutura resiliente, a promoção da industrialização inclusiva e sustentável, fomenta a inovação. Esses ODS constituem dezessete metas ambiciosas e interconectadas – com as quais a Organização das Nações Unidas (ONU) contribui para que sejam cumpridas até 2030 – que tratam dos principais desafios para o desenvolvimento no Brasil e no mundo. Precisamos problematizar que a nova realidade exige habilidades técnicas, mas também requer outras competências, como lidar com o novo e com a reinvenção.

No bojo dessas mudanças no âmbito escolar, está a Inteligência Artificial (IA), que, de acordo com McCarthy (2007), é a ciência que produz máquinas inteligentes e, principalmente, programas inteligentes de computador. Segundo esse autor, a IA pode ter várias aplicações, tais como os jogos, o reconhecimento da fala, a compreensão da linguagem natural, a visão computacional, os sistemas especializados, dentre outros. Na educação, a IA pode ser utilizada na análise dos dados acadêmicos (controle de notas, de frequência, de resultados de testes), na gestão financeira das escolas e na otimização dos horários escolares. Essas aplicações são, certamente, bem-vindas; no entanto, a utilização da IA não é necessária apenas para a dinamicidade da rotina burocrática educacional. Ela também é crucial na personalização do ensino, sobremaneira no auxílio ao processo de aprendizagem. Em outras palavras, no contexto de sala de aula, a IA tem aperfeiçoado as práticas educativas, ajudado a identificar as dificuldades dos alunos e personalizado a educação por meio de recursos e de atividades adaptadas às necessidades individuais dos estudantes. Ademais, o uso da IA pode corroborar o ODS 4 que apregoa uma educação inclusiva, equitativa e de qualidade para promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos. Para isso, como ilustração, é necessário resolver desafios relativos à



infraestrutura, à disponibilização da internet nas escolas e à formação de professores e estudantes.

Na área de ensino de língua, a IA vem ganhando cada vez mais espaço. Práticas como o ensino de língua estrangeira por meio da Inteligência Artificial criam melhores condições para o exercício da pronúncia, assim como auxiliam no processo de leitura e de produção textual em língua materna. Esses usos da IA permitem uma experiência de aprendizagem de língua mais engajadora e eficiente, pois a língua, por meio desse recurso, apresenta-se aos alunos em diversos contextos sociais e regionais. Esse movimento favorece a compreensão da variação para além da teoria linguística e o respeito às formas da língua que ultrapassam aquelas consideradas hegemônicas e de prestígio. Uma das aplicações da IA no ensino de língua materna refere-se ao debate sobre o conceito de língua e sobre o processo que envolve a variação desta. A IA permite aos estudantes acessarem exemplos de expressões linguísticas que traduzem diferentes variantes dialetais e de registro.

Sendo assim, nosso objetivo com este trabalho é traçar um debate sobre uma prática com trinta e um alunos do 1º ano do Ensino Médio de um colégio privado confessional, a qual envolve o uso de uma Inteligência Artificial Generativa (IAG), especificamente o *ChatGPT*, na reflexão sobre as noções de língua e de variação linguística. A Inteligência Artificial Generativa (IAG) é uma subárea da Inteligência Artificial. Segundo Rodrigues (2023, p. 116), a “IAG traz possibilidades de se trabalhar com diferentes elementos, como textos, imagens e vídeos, e tenta simular a criatividade humana” a partir do aprendizado de máquina, do processamento de linguagem natural e da *Deep Learning*. Sendo assim, a IAG parte de um aprendizado prévio de dados armazenados.

A proposta foi baseada na leitura da novela sociolinguística **A língua de Eulália**, de Marcos Bagno (2010), e nas discussões, em sala de aula, sobre a noção de língua como um fenômeno social, dinâmico e heterogêneo e sobre a perspectiva de variação linguística como inerente à língua, que é, inevitavelmente, mutável graças à ação dos falantes de uma dada língua. Os alunos deveriam, em grupo, escolher uma variação linguística, fazer um glossário e realizar uma entrevista com membros da comunidade escolar interna ou externa a partir dessa escolha. Logo em seguida, os alunos deveriam postar os materiais produzidos em um repositório virtual, *Padlet*. A ação ocorreu nas aulas de Língua Portuguesa e foi desenvolvida pela professora regente durante uma etapa letiva, ou seja, um trimestre.

A experiência revelou que o uso da Inteligência Artificial, especialmente a ferramenta *ChatGPT*, desempenhou um papel relevante no desenvolvimento da autonomia dos alunos, auxiliando-os na elaboração de perguntas para as entrevistas. Observamos um comportamento ético dos estudantes no uso dessa tecnologia, sem ocorrência de plágio, uma vez que usaram as sugestões de perguntas e as reformularam, criando os questionamentos conforme a necessidade dos entrevistados. Do ponto de vista científico e social, o trabalho



evidencia o potencial da IA como recurso de apoio à aprendizagem, ao mesmo tempo em que destaca a necessidade de repensar a cultura escolar e promover uma integração mais crítica e responsável das tecnologias emergentes no ensino. Essa experiência contribui para a construção de boas práticas pedagógicas alinhadas às exigências da Era Digital em que a IA ganha cada vez mais espaço como uma ferramenta auxiliar na construção de conhecimento em prol de uma educação personalizada de qualidade.

Variação linguística

As línguas naturais não são estáticas; elas mudam constantemente, pois funcionam como organismos vivos. Essas mudanças são denominadas variação linguística e refletem transformações sociais. De acordo com Guimarães (2012), a língua varia nos níveis diacrônico (alterações na estrutura ao longo do tempo) e sincrônico (variações em um dado momento histórico). Tais variações podem ser classificadas como: diatópica (regional), diacrônica (temporal), diastrática (social), diafásica (estilística) e diamésica (meio de comunicação).

A variação diatópica refere-se às diferenças observadas no uso da língua conforme a região do falante. Essas variações de pronúncia, morfologia, sintaxe ou vocabulário ocorrem entre estados, cidades e regiões. Por exemplo, o vocábulo mandioca recebe diferentes denominações no Brasil: mandioca (Minas Gerais), macaxeira (Nordeste), aipim (Rio de Janeiro e partes de São Paulo) e maniva (Pará). Já a variação diacrônica diz respeito às mudanças que ocorrem através do tempo. Palavras que outrora existiam podem ser extintas, outras podem surgir e algumas passam por processos de resignificação. Um exemplo clássico é a mudança ortográfica de *pharmácia* para *farmácia*.

A variação diastrática refere-se às distinções na língua baseadas em critérios socioculturais, tais como:

- a) nível de escolaridade: indivíduos com diferentes graus de instrução utilizam a língua de formas distintas em relação à norma-padrão;
- b) faixa etária: diferentes gerações utilizam o idioma de maneira dessemelhante;
- c) gênero: homens e mulheres podem apresentar usos distintos, observando-se, por vezes, uma maior adesão à norma-padrão pelo público feminino;
- d) profissão: o uso de vocabulário técnico específico (jargão);
- e) grupos sociais: gírias e expressões próprias de grupos específicos, como surfistas ou funkeiros.

Exemplo: um avô pode utilizar o termo “supimpa” para algo magnífico, enquanto seu neto prefere a expressão “da hora”.

A variação diafásica diz respeito ao registro, ou seja, ao grau de formalidade. Dependendo da situação comunicativa, o sujeito é condicionado a usar a língua de modo mais ou menos formal. Por exemplo, ao conversar com o chefe por videoconferência, um funcionário tenderá a ser mais formal do que ao interagir com colegas em um *happy hour*.



Por fim, a variação diamésica relaciona-se à dicotomia entre oralidade e escrita. Ambas diferem desde o contexto de produção até a recepção. Para Guimarães (2012, p. 47), “[...] na comunicação oral, eles são simultâneos – à medida que você fala, seu interlocutor ouve; já na comunicação escrita, existe uma defasagem entre o momento de produção e o de recepção”. Assim, se uma falha de comunicação ocorre na fala, o locutor pode corrigi-la instantaneamente; na escrita, como não há essa interação imediata, o texto precisa ser claro de antemão.

Inteligência Artificial

No âmbito da Ciência da Computação, a Inteligência Artificial (IA) fundamenta-se no desenvolvimento de arquiteturas sistêmicas projetadas para emular processos cognitivos e capacidades executivas inerentes à inteligência humana, conforme afirmam Russell e Norvig (2021) *apud* Mendonça *et al.* (2023). No cenário atual, a IA configura-se como uma tecnologia transversal de alto impacto, cujas aplicações se expandem por domínios heterogêneos, incluindo a medicina, a automação industrial, a engenharia financeira, a otimização de sistemas agrários e a educação.

Na educação, a IA é utilizada para a personalização do ensino, adaptando o conhecimento a alunos de diferentes perfis. De acordo com **Referencial para desenvolvimento e uso responsáveis de Inteligência Artificial na Educação**ⁱ (Brasil, 2026), a tecnologia baseada na IA atua como um instrumento de apoio ao professor de tal forma que contribui para a adaptação das práticas educativas com o intuito de atender às necessidades, aos interesses individuais e aos ritmos dos alunos. Pode também ser empregada para automatizar tarefas rotineiras, como a formulação de roteiros de entrevista, que facilitam o trabalho dos estudantes. Além disso, a IA contribui para o desenvolvimento de habilidades socioemocionais e constitui uma ferramenta pedagógica ao vincular conhecimentos ainda pouco explorados socialmente ou apenas parcialmente abordados. Em outras palavras, no contexto de sala de aula, a IA tem aperfeiçoado práticas educativas, auxiliado na identificação de dificuldades dos alunos e promovido a personalização do ensino por meio de recursos e atividades adaptadas às necessidades individuais.

Uma IA generativa amplamente difundida na educação é o *ChatGPT*. O *ChatGPT-3.0*, baseado em modelos Transformers, executa tarefas complexas de linguagem natural com capacidade de geração autônoma de conteúdo. Atualmente, a eficácia dessa ferramenta depende da contextualização fornecida pelo usuário na interface do *chat*, em que as respostas são geradas sob demanda. É importante destacar que o aprimoramento do sistema é iterativo, utilizando técnicas de *reinforcement learning* (aprendizagem por reforço) alimentadas pelo *feedback* constante da comunidade e de seus programadores.



O *ChatGPT* recorre a uma base de dados composta por arquivos disponibilizados até setembro de 2021 para responder às perguntas dos usuários. Segundo Alves (2023), embora tenha sido treinado com 175 bilhões de parâmetros e seja capaz de responder perguntas em qualquer idioma de forma coerente, o sistema ainda carece de aperfeiçoamento, podendo apresentar equívocos como a geração de textos superficiais, sem referências, ou a fabricação de informações. Esse comportamento pode ser causado por fatores como: a) insuficiência ou viés nos dados de treinamento; b) ruídos nos dados, como informações corrompidas ou contraditórias; c) restrições algorítmicas; d) erros de implementação ou programação.

Já o *ChatGPT-4.0* é um modelo de linguagem multimodal que gera resultados para textos e imagens, contando com 1,3 trilhão de parâmetros. Ele oferece respostas mais precisas e abrangentes, além de produzir textos mais coerentes e fluidos em comparação à versão anterior (*ChatGPT-3.0*). Embora as versões anteriores não tivessem acesso à internet, o *ChatGPT-4.0* pode ser integrado a sistemas que obtêm informações *on-line*, como o navegador da Microsoft (sua principal investidora). Vale ressaltar que, para interagir com essa versão mais recente, é necessário adquirir uma assinatura mensal ou acessá-la gratuitamente por meio do referido navegador.

O uso do *ChatGPT* não implica a exclusão da escrita nem da capacidade de raciocínio dos estudantes, tampouco representa a substituição da autonomia na produção de trabalhos acadêmicos. No contexto escolar, sob um olhar crítico e analítico, essa IA generativa constitui, atualmente, uma ferramenta de apoio à aprendizagem, especialmente na área de estudos da linguagem. Para que seu uso seja eficiente, os estudantes precisam ser estimulados a empregá-la criticamente, sem que haja dependência na resolução de problemas de ordem prática no âmbito educacional.

Metodologia

A natureza deste trabalho é um relato de experiência de caráter qualitativo e descritivo. Esse relato, de acordo com Mussi, Flores e Almeida (2021), é um tipo de produção científica cujo objetivo é apresentar uma vivência acadêmica, ou melhor, descrever uma intervenção. Podemos também compreender que os relatos partem da relação entre o pesquisador e o empírico na pesquisa de campo, o que contribui para a construção do conhecimento acerca das pessoas em interação com um objetivo de análise, a língua e suas variantes. Nesse contexto, o relato de experiência se baseia em um fenômeno observável, em um ambiente no qual o pesquisador interage com o objeto para investigar a realidade de maneira sistemática, expondo suas perspectivas de observação e de análise, em um processo detalhado de descrição, a fim de possibilitar a comunicação científica pretendida. No caso, este texto tem a pretensão de evidenciar uma experiência de estudantes do Ensino Médio no trato de questões



relacionadas à variação linguística e o aporte da IA como uma ferramenta de apoio e de estudo.

A proposta inicial do trabalho deu-se em sala de aula, com o cumprimento de aulas de Língua Portuguesa previstas num planejamento baseado na **Matriz de Referência para o Enem** (Brasil, 2009) e nos preceitos dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Como é previsto nessa matriz, os alunos do 1º ano do Ensino Médio precisam estudar os fenômenos concernentes à língua e à variação linguística. De acordo com aquele documento oficial, os estudantes precisam dominar a competência 8, que versa sobre a compreensão e o uso da língua portuguesa como língua materna, geradora de significação e integradora da organização do mundo e da própria identidade. Nessa etapa de ensino, a matriz propõe o trabalho de três habilidades cruciais associadas à competência 8. A primeira delas é a habilidade H25, associada à identificação, em textos de diferentes gêneros, de marcas linguísticas que singularizam as variedades linguísticas sociais, regionais e de registro. A segunda é a habilidade H26, que sugere o trabalho envolvendo a relação entre as variedades linguísticas e as situações específicas de uso social. A última é a H27, sobre o reconhecimento dos usos da norma-padrão da língua portuguesa nas diferentes situações de comunicação.

Nas aulas, então, a língua foi definida como um sistema dotado de módulos, tais como o fonético (som), o morfo sintático (unidades significativas e seu arranjo em frases e em textos), o semântico (significado e sentido), o léxico (as palavras de uma língua) e o gramática (conjunto de regras). No entanto, nas aulas de língua materna, essa língua foi conceituada, principalmente, de acordo com os pressupostos de Bagno (2013), como um organismo social em constante modificação graças às ações dos falantes. Sendo assim, os alunos foram expostos ao conhecimento de que a língua usada pelos falantes de determinada comunidade linguística é uma; no entanto, pode sofrer variações de acordo com inúmeras situações de uso. Essas variações foram tratadas de acordo com o material didático dos alunos. Por outras palavras, a variação linguística foi, didaticamente, dividida em: geográfica (diatópica), ou seja, concernente às diferentes regiões; social (diastrática), isto é, relacionada aos diferentes grupos sociais; histórica (diacrônica), quer dizer, relacionada às mudanças ao longo do tempo; estilística (diafásica), por ser dependente do contexto ou da situação de comunicação; de gênero, ou seja, associada às formas de homens e mulheres usarem a língua; e de diferença entre fala e escrita (diamésica).

A metodologia adotada para que os estudantes desenvolvessem um senso crítico em se tratando da língua como um organismo variável foi a Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP), que consiste em um modelo de ensino em que os discentes confrontam questões do mundo real, problematizam situações e buscam soluções a partir do envolvimento dos alunos. Contemporaneamente, a ABP tem se mostrado eficiente no processo de ensino e



aprendizagem por aumentar a motivação dos estudantes em aprender, trabalhar em equipe e desenvolver habilidades colaborativas para solucionar problemas simulados. Além disso, Bender (2015) aponta que o uso de tecnologias, como é o caso do *ChatGPT*, uma ferramenta emergente a partir de 2022, oferece boas oportunidades para o ensino na abordagem da ABP.

Para que o conhecimento sobre língua e variação linguística ficasse sistematizado, os alunos receberam um roteiro de projeto que deveria abordar as questões de língua e de variação. Os estudantes deveriam fazer a leitura da obra **A língua de Eulália**, de Marcos Bagno (2010). A escolha por essa novela sociolinguística ocorreu pelo fato de expor, didaticamente e com exemplos práticos, os conceitos de língua e de variantes linguísticas por meio de uma narrativa simples, envolvente e com potencial para chamar a atenção do público jovem, ao ponto de fazê-lo compreender as noções preconizadas na **Matriz de Referência para o Enem** (Brasil, 2009). Durante as aulas, foram lidos trechos da obra para sensibilizar os alunos, que, logo em seguida, participaram de uma roda de discussão sobre as variações linguísticas existentes no Brasil, a realidade sociolinguística do país e os preconceitos e estereótipos que envolvem essas variações.

Após adquirirem uma bagagem conceitual consistente, os alunos foram orientados a escolherem uma das variedades linguísticas abordadas na obra para trabalharem em grupos de cinco integrantes. Cada equipe deveria realizar a coleta de dados por meio de uma entrevista com pessoas próximas (pai, mãe, avô, avó, amigo), as quais, além de responderem a cinco perguntas relacionadas às variações, também fossem usuárias da língua e emblemáticas dessa variante. Nesse contexto, a professora regente sugeriu que fosse feito um roteiro de entrevista com o auxílio de uma IAG, no caso, o *ChatGPT*. É notório que a IA vem sendo uma aliada em entrevistas em contexto corporativo, por exemplo, para o recrutamento de pessoal, por aperfeiçoar e dinamizar os processos e economizar tempo e dinheiro. Todavia, notamos que, em contexto escolar, a prática do uso de IAG para sugerir perguntas relevantes e bem estruturadas, com o auxílio dos algoritmos avançados, quase não é uma praxe. Notamos, no entanto, que, no contexto escolar, quase nunca é sugerido o uso do *ChatGPT* para a constituição de um roteiro de entrevista, devido ao preconceito em relação ao uso da IA na escola.

Os alunos do 1º ano do Ensino Médio procederam à coleta de dados e formularam *prompts* (comandos) básicos de acordo com a discussão e a intenção do grupo. No contexto da IAG, para Ochs (2024), o *prompt* representa um comando de texto fornecido a um sistema (um *chatbot*) para que a máquina gere uma resposta ou execute uma tarefa específica. Com as repetidas interações, o sistema aprende, por meio de *prompts* e *feedbacks*, a aperfeiçoar suas respostas aos comandos. Como o *ChatGPT* foi usado de maneira institucionalizada e experimental pela primeira vez, notamos que os alunos não adotaram práticas refinadas de constituição dos comandos, tais como fazer um pedido o mais



detalhado possível, estabelecer a dimensão do conteúdo gerado e indicar o formato desejado para a apresentação do texto (lista, parágrafos, tabelas, *slides*, dentre outros). As perguntas motivaram a constituição do trabalho de entrevista e a formulação de um glossário de variação linguística.

O *corpus* de análise – as entrevistas constituídas a partir de roteiros formulados devido aos *prompts* e às interações com o *ChatGPT*, os glossários e notas de campo – foi examinado sob a égide da Análise de Conteúdo (Bardin, 2016). A Análise de Conteúdo é relevante para a experiência proposta aos estudantes, uma vez que esse método é utilizado em estudos qualitativos que permitem compreender diferentes tipos de conteúdo, por exemplo, entrevistas. O percurso analítico adotado no nosso projeto compreendeu a pré-análise, a exploração e o tratamento dos dados. Em seguida, na exploração do material, os dados foram codificados e categorizados com base nas reflexões teóricas de Marcos Bagno (2010, 2013) sobre variação linguística e sobre preconceito linguístico, as quais orientaram a identificação de trechos de entrevista. Na análise, os alunos observaram os termos apresentados nas entrevistas que caracterizavam a variação linguística escolhida pelo grupo. Essa comparação sistemática, grupo a grupo, revelou não apenas o nível de compreensão dos conceitos de variação diatópica, diastrática e diacrônica, mas também as estratégias de letramento digital empregadas pelos alunos na tratativa dos dados.

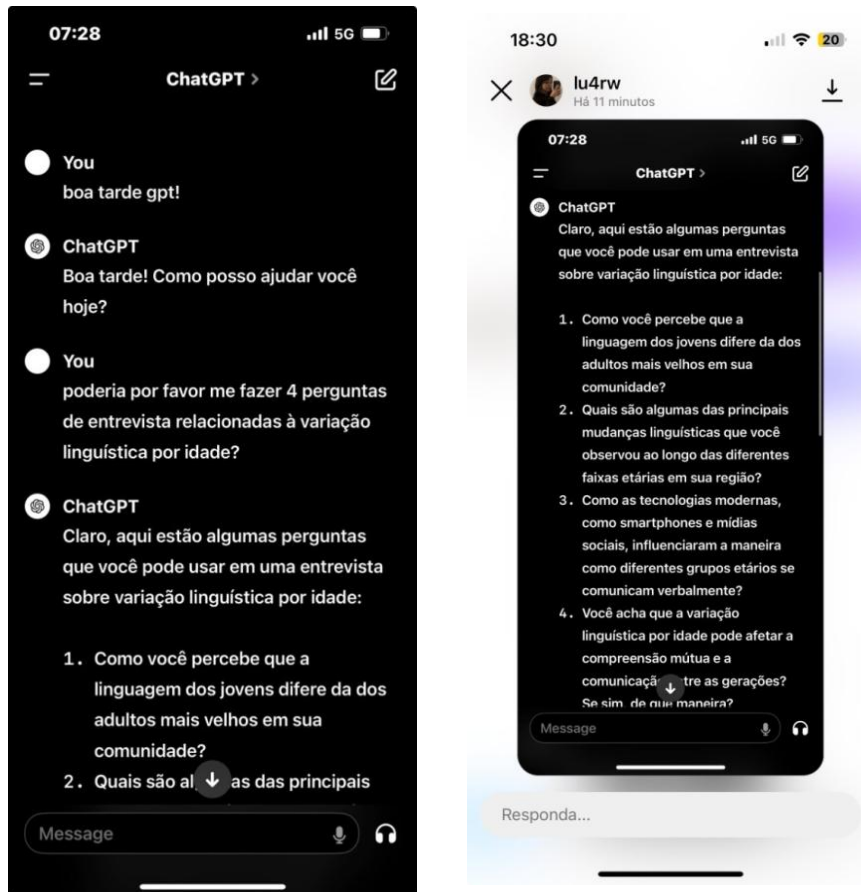
Resultados e discussão

Em grupos, os estudantes solicitaram que o *ChatGPT* formulasse um roteiro de entrevistas sobre variação diacrônica e diastrática a partir da leitura da obra **A língua de Eulália**. Para analisar os dados gerados nas entrevistas, segundo Bardin (2016), e para que houvesse reflexão sobre a variação linguística, os estudantes seguiram os parâmetros da engenharia de *prompt* citada no **Referencial para desenvolvimento e uso responsáveis de Inteligência Artificial na Educação** (Brasil, 2026). Segundo esse documento, é necessário formular instruções claras e contextualizadas para alcançar o objetivo de coletar noções de variação linguística.

O Grupo A tratou de questões de variação histórica, ou diacrônica, e gerou o seguinte *prompt* (Figura 1).



Figura 1 - *Prompt* de variação histórica ou diacrônica



Fonte: Elaborado pelo Grupo A.

O *ChatGPT* sugeriu quatro questões bem objetivas sobre a variação histórica, ou diacrônica; por sua vez, cada uma das perguntas abriu possibilidades de desdobramentos que pudessem ser aproveitados para fazer a entrevista. De acordo com os relatos dos alunos, as sugestões da IAG não foram integralmente utilizadas, pois serviram apenas de parâmetros para as perguntas feitas a um senhor de 72 anos, avô de uma das integrantes do Grupo A. As perguntas finais foram:

- a) Nome e idade?
- b) Na sua época, como eram chamados as garotas e os garotos considerados atraentes?
- c) Há momentos em que você não entende o que as gerações atuais falam? Cite um exemplo.
- d) Como você pensa que as tecnologias atuais possam ter influenciado na maneira como as pessoas se comunicam?



e) Era comum que as pessoas de sua geração abreviassem palavras como é feito atualmente?

As perguntas finais, dirigidas ao entrevistado, abordaram, entre outros aspectos, as formas de nomear pessoas atraentes em outras épocas, a incompreensão de expressões utilizadas pelas gerações mais jovens, a influência das tecnologias na comunicação e o uso de abreviações em diferentes períodos históricos. Duas palavras – “cocota” e “pão” – foram citadas pelo entrevistado como típicas de seu tempo de juventude para se referir às garotas e aos garotos atraentes. O senhor ainda enfatizou que, muitas vezes, não compreende as palavras que os mais jovens usam e cita, por exemplo, a gíria “braba” como em “Ele mandou a braba”, ou seja, falar algo desafiador. Na entrevista, o senhor confessa que as novas tecnologias de informações podem influenciar o uso da língua e as gírias e que pessoas da geração dele também abreviavam palavras como em “cê” do pronome “você”. Do ponto de vista analítico, esse material evidencia que os alunos compreenderam, ainda que de maneira introdutória, a noção de que a língua muda historicamente, seja no plano do léxico, seja no plano das práticas de comunicação. Sob a ótica de Bardin (2016), essa recorrência temática permitiu classificar as respostas na categoria “percepção da mudança linguística ao longo do tempo”, o que demonstra apropriação pertinente da noção de variação diacrônica.

O Grupo B usou a IA para formular perguntas de entrevista sobre variação diastrática. Nesse sentido, gerou-se o seguinte *prompt* (Figura 2):

Figura 2 - Prompt de variação diastrática

You
sugira perguntas para o assunto: variação linguística nos empregos

ChatGPT
Claro, aqui estão algumas perguntas sobre variação linguística nos empregos:

1. Como a variação linguística pode influenciar as oportunidades de emprego em diferentes regiões?
2. Qual é o papel da variação linguística na comunicação no local de trabalho?
3. Como as atitudes em relação à variação linguística podem afetar as oportunidades de emprego e promoção?
4. Quais são os desafios enfrentados por profissionais que falam dialetos ou variantes linguísticas não padrão no ambiente de trabalho?
5. De que forma as empresas lidam com a variação linguística em suas políticas de recrutamento e treinamento?
6. Como a variação linguística pode influenciar a interação entre colegas de trabalho e clientes?
7. Quais estratégias podem ser adotadas para promover a inclusão linguística e valorizar a diversidade linguística no local de trabalho?
8. Em que medida a variação linguística pode afetar a eficácia da comunicação em equipes multiculturais?
9. Quais são os benefícios de reconhecer e valorizar a variação linguística no ambiente profissional?
10. Como a variação linguística pode afetar a interpretação de documentos e políticas corporativas?

You
mais

ChatGPT
Claro, aqui estão mais algumas perguntas sobre variação linguística nos empregos:

11. Como a variação linguística pode afetar a percepção de competência e profissionalismo no ambiente de trabalho?
12. Quais são os impactos da variação linguística nas oportunidades de networking e desenvolvimento de carreira?
13. Em que medida a variação linguística pode influenciar a comunicação entre funcionários de diferentes níveis hierárquicos?
14. Como a variação linguística é considerada nas políticas de diversidade e inclusão das empresas?
15. Quais são os desafios enfrentados por profissionais bilíngues ou multilíngues em ambientes de trabalho que valorizam apenas uma variedade linguística?
16. Como a variação linguística pode afetar a forma como as habilidades de comunicação são avaliadas durante processos de seleção e entrevistas de emprego?
17. Quais são os efeitos da variação linguística nas estratégias de marketing e comunicação empresarial?
18. De que forma a variação linguística é abordada em treinamentos de sensibilização cultural e comunicação intercultural?
19. Quais são os preconceitos e estereótipos associados à variação linguística no ambiente de trabalho e como combatê-los?
20. Como as empresas podem promover um ambiente de trabalho inclusivo que valorize e respeite a diversidade linguística dos funcionários? ↓

Fonte: Elaborado pelo Grupo B.



O *ChatGPT* sugeriu vinte questões objetivas sobre a variação diastrática. Esse grupo escolheu algumas perguntas propostas pela IA e fez adaptações no momento da entrevista, mesmo porque a determinação é que as entrevistas fossem dinâmicas para atrair a atenção do interlocutor. Essa atitude reforça a ideia de que a IA, nesse contexto, não substituiu o pensamento dos alunos, mas foi utilizada como uma ferramenta de apoio para a construção do conhecimento e o desenvolvimento de maior autonomia intelectual.

O procedimento de escolha do grupo é especialmente significativo, pois se alinha com Alves (2023), que alerta que a IA pode produzir textos superficiais, genéricos e até imprecisos, demandando do usuário uma leitura crítica e habilidade de avaliação. A escolha dos estudantes também se relaciona com as reflexões de Pereira e Moura (2023), que afirmam que o letramento em IA não se limita apenas ao uso de ferramentas, mas também à compreensão, análise e avaliação dos conteúdos que elas geram. No que tange ao Grupo B, notamos exatamente essa dinâmica: a IA ofereceu um repertório inicial, porém a qualidade da atividade foi fruto da intervenção humana, da mediação docente e da habilidade dos alunos em contextualizar o conteúdo proposto.

A entrevistada foi uma mulher médica, paraense, filha de um mineiro e de uma maranhense que se mudou para Belo Horizonte, mãe de um dos integrantes do Grupo B. A conduta desse grupo chamou-nos a atenção, já que os estudantes privilegiaram questões concernentes ao uso de variantes típicas do ambiente profissional, assim como as variantes diatópica e diacrônica ao longo da entrevista. Notamos ainda que os alunos fizeram perguntas sobre o preconceito linguístico, uma noção tratada por Bagno (2013) para se referir às formas de discriminação aos falantes que utilizam uma variante linguística diferente daquela considerada padrão. As perguntas finais foram:

- a) Quais são os preconceitos e os estereótipos associados à variação linguística do (*sic*) seu ambiente de trabalho?
- b) Quais são as palavras e as expressões típicas da sua região?
- c) Na sua juventude, quais eram os apelidos que os meninos e as meninas bonitas recebiam?
- d) Como foi mudar-se de cidade? Você percebeu uma diferença de tratamento por causa do seu sotaque?

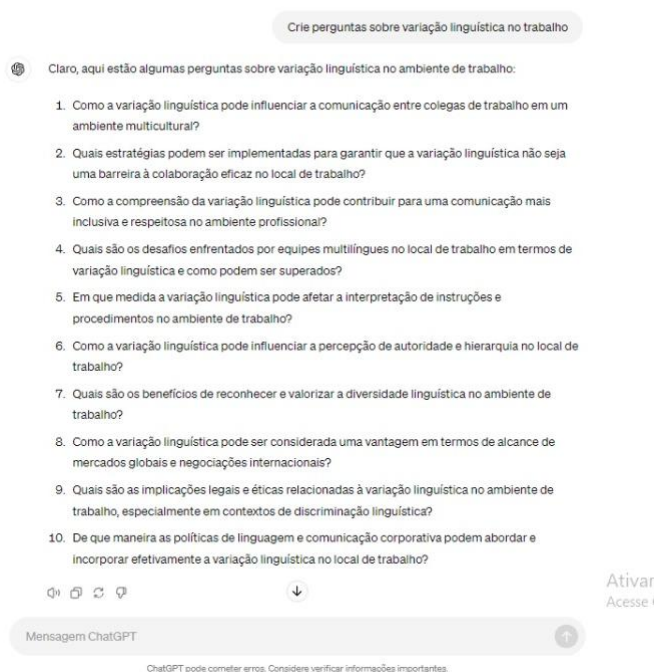
A entrevistada do Grupo B, ao ser perguntada sobre um possível preconceito linguístico em relação ao seu sotaque e uso da língua típicos do Pará, disse não ter sofrido discriminação, mas relatou notar que uma colega médica colombiana possuía dificuldade de compreendê-la nas comunicações diárias. Quando perguntada sobre as palavras típicas utilizadas, a entrevistada citou o termo “égua”, que significa surpresa, diferente da expressão “Nossa Senhora”, utilizada pelos mineiros, por exemplo. Ela citou também o uso da expressão “estar de butuca”, que também é usada em Minas Gerais e significa observar, olhar. Na entrevista, foi mencionada a expressão “potoqueiro” e “estar



de potoca”, que se refere a ser mentiroso ou contar mentira. Os estudantes, curiosamente, também fizeram uma pergunta que diz respeito à variação linguística diacrônica sobre a forma de se referir às meninas e aos meninos atraentes, o que denota que eles compreenderam que o fenômeno linguístico não é analisado de forma estanque. Dito de outra maneira, o grupo apresentou uma visão mais abrangente da análise linguística. De maneira geral, notamos que esse grupo considerou, nas perguntas, de acordo com Bagno (2010), que o estudo variacionista deve abranger a origem geográfica de quem usa a língua, tais como estado, grandes regiões, zona urbana ou rural para fazer suas afirmações teóricas. Os estudantes, ao abordarem a noção de preconceito linguístico, demonstraram assimilar que esse fenômeno nasce da contradição apontada por Bagno (2013) entre língua e gramática normativa.

O Grupo C usou a IA para formular perguntas de entrevista também sobre a variação diastrática; portanto, gerou o seguinte *prompt* (Figura 3):

Figura 3 - Prompt de variação diastrática



Fonte: Elaborado pelo Grupo C.

O *ChatGPT* sugeriu dez questões objetivas sobre a variação diastrática. Esse grupo fez seis perguntas à entrevistada, uma mulher fisioterapeuta intensivista, mãe de uma das integrantes do Grupo C. As três primeiras perguntas propostas pela IA foram integralmente utilizadas na entrevista, a saber:



- a) Como a variação linguística pode influenciar a comunicação entre colegas de trabalho num ambiente multicultural?
- b) Quais estratégias podem ser implementadas para garantir que a variação linguística não seja uma barreira à colaboração eficaz no local de trabalho?
- c) Quais os benefícios de reconhecer e valorizar a diversidade linguística no ambiente de trabalho?

A entrevistada do Grupo C apontou a dificuldade de colegas de trabalho de diferentes estados, cidades e países entenderem uma ordem ou uma orientação concernente à prática fisioterapêutica. Na entrevista, foi mostrado que cada região tem um sotaque ou um uso diferente da língua, o que necessita de uma ordem mais coesa por parte da chefia de maneira que todos entendam. A entrevistada acredita que a instauração de um protocolo de comunicação é uma alternativa. Na entrevista, quando é citada a importância de “um português mais claro”, fica evidente a preocupação com o uso de uma norma-padrão que, para Bagno (2007, p. 42), “revela uma regularidade”, já que a heterogeneidade de usos é geradora de mal-entendidos entre a equipe. Por fim, a entrevistada reconhece a importância de se respeitar as variantes no ambiente de trabalho.

A etapa relativa aos resultados das entrevistas mostrou que os grupos que criaram comandos mais específicos e contextualizados receberam da IA sugestões mais alinhadas aos objetivos da pesquisa, ao passo que os grupos que usaram *prompts* mais genéricos obtiveram respostas mais abrangentes e superficiais. Essa conexão ressalta a importância da chamada engenharia de *prompt*, enfatizada pelo **Referencial para desenvolvimento e uso responsáveis de Inteligência Artificial na Educação** (Brasil, 2026). Esse documento orienta a criação de instruções claras, específicas e contextualizadas para obter resultados mais confiáveis. Podemos citar que comandos mais assertivos, como prevê Ochs (2024), direcionam melhor a tarefa a ser realizada pela IA. Em suma, os resultados do projeto indicam que a eficácia da ferramenta *ChatGPT* depende, em grande parte, do conhecimento prévio do usuário e da qualidade da interação que ele estabelece com o sistema. Isso só é possível devido a um letramento crítico na língua e na IA.

Após a etapa de entrevistas, os alunos foram convidados a montar um glossário de palavras e expressões que traduzissem a variação linguística que motivou todo o processo de pesquisa realizado pelos estudantes. Em um primeiro momento, a regente ensinou a diferença entre glossário e dicionário, uma vez que os alunos apresentaram essa dúvida. Adotamos a perspectiva de que um glossário é um inventário de palavras ou expressões, organizado em ordem alfabética, relacionado a um contexto específico, no nosso caso, concernente à variação linguística. Os integrantes dos Grupos B e C usaram também o *ChatGPT* como fonte para constituírem o glossário. O Grupo A não cumpriu a tarefa e privilegiou usar trechos da obra **A língua de Eulália** no *Padlet*.



O Grupo B, por exemplo, solicitou à IAG que fizesse “um glossário sobre termos de variação linguística nos empregos”, como os estudantes solicitaram e como fica demonstrado na Figura 4.

Figura 4 - Prompt glossário de variação linguística

7. Sotaque Profissional:

- O modo como uma pessoa pronuncia as palavras, muitas vezes influenciado por sua região geográfica ou contexto cultural. Alguns ambientes de trabalho podem valorizar certos sotaques como parte da identidade profissional.

8. Polidez Linguística:

- O uso de expressões e formas de tratamento respeitadas ao se comunicar no ambiente de trabalho. Isso inclui o uso apropriado de cumprimentos, agradecimentos e desculpas.

9. Comunicação Não-Verbal:

- Formas de comunicação que não envolvem palavras, como gestos, expressões faciais e postura corporal. A linguagem corporal desempenha um papel importante na comunicação profissional.

10. Diversidade Linguística:

- Reconhecimento e valorização da variedade linguística no ambiente de trabalho, incluindo o respeito pela linguagem e pelo estilo de comunicação de diferentes indivíduos.

4. Variante Socioleto:

- Forma de linguagem associada a um grupo social específico. No ambiente de trabalho, diferentes grupos de funcionários podem usar variantes linguísticas distintas com base em fatores como idade, formação educacional ou posição hierárquica.

5. Código de Vestimenta Linguístico:

- Refere-se ao conjunto de normas linguísticas aceitas em um determinado ambiente de trabalho. Pode incluir padrões de gramática, vocabulário e pronúncia considerados apropriados para a comunicação profissional.

6. Code-Switching:

- A habilidade de alternar entre diferentes variedades linguísticas conforme o contexto. Os profissionais muitas vezes precisam realizar code-switching ao passar de interações informais para formais no ambiente de trabalho.

Fonte: Elaborado pelo Grupo B.

Consideramos que o *ChatGPT* foi um aliado ao propor, para os alunos, termos comumente utilizados no contexto corporativo. Notamos, no entanto, que os estudantes, talvez por terem usado um *prompt* mais genérico sem relação com as perguntas da entrevista, obtiveram uma sugestão mais generalista e superficial da IA. Como o grupo fez uma entrevista com uma médica, acreditamos que os alunos perderam uma boa oportunidade de formular um *prompt* mais específico da área da saúde. Uma vez que a entrevistada era médica, foi possível explorar com maior profundidade os jargões da área da saúde, o que não ocorreu. Essa experiência aponta para a necessidade de trabalho mais aprofundado sobre o conceito de jargão. A experiência do Grupo B reforça a noção de que o uso da IA, sem refinamento de comando, pode resultar em materiais corretos, porém limitados do ponto de vista analítico. Sendo assim, concluímos que, por falta ainda de uma experiência maior com a IA, os estudantes perdem a chance de uma experiência mais aprofundada e criativa que pudesse levá-los a um conhecimento mais significativo sobre a variação linguística diastrática, em específico sobre os jargões médicos.

O Grupo C solicitou à IAG que fizesse “um glossário de variação linguística de palavras típicas de cada região brasileira”, como os alunos denominaram e como está demonstrado na Figura 5.



Figura 5 - Prompt glossário de variação linguística diatópica



Fonte: Elaborado pelo Grupo C.

Diferentemente do que ocorreu com o Grupo B, o Grupo C foi mais preciso e utilizou um *prompt* que favoreceu o objetivo dos alunos, ao mesmo tempo em que criou condições para uma resposta mais organizada e diretamente relacionada à variação diatópica. Ao sugerirem que o *ChatGPT* fizesse um glossário de palavras regionais, os estudantes conseguiram criar um material diverso e dividido de acordo com as regiões brasileiras. Como o grupo fez uma entrevista com uma fisioterapeuta, ficamos na expectativa de que os alunos elaborassem um *prompt* mais específico da área da saúde. No entanto, como havia a possibilidade de fazer o trabalho a partir das variantes abordadas na obra lida e por ser mais fácil conceber um glossário de palavras tipicamente regionais, acreditamos que o Grupo C possa ter optado por uma proposta mais prática e garantido melhor resultado junto à IAG.

A comparação entre os grupos nessa etapa permitiu inferir que a experiência com a IA foi mais significativa quando os estudantes conseguiram alinhar o comando formulado, o perfil do entrevistado e o foco sociolinguístico escolhido para a pesquisa. Essa interpretação encontra respaldo no fato de que a IA generativa amplia as possibilidades de criação de conteúdos em diferentes linguagens, mas sua eficácia depende do modo como o usuário aciona seus recursos (Rodrigues, 2023). Pedagogicamente, os resultados denotaram ainda que a experiência promoveu o desenvolvimento inicial do letramento em IA, já que os estudantes criaram comandos; avaliaram respostas; escolheram o que era



útil; reformularam perguntas; confrontaram as propostas da máquina com a realidade empírica das entrevistas e organizaram os resultados finais em um ambiente digital. Dessa forma, os efeitos da atividade foram além do estudo da variação linguística em sentido estrito e passaram a incluir habilidades relacionadas à cultura digital, à curadoria de informações e ao uso ético de tecnologias. Essa visão está alinhada ao proposto pelo **Referencial para desenvolvimento e uso responsáveis de Inteligência Artificial na Educação** (Brasil, 2026), que enxerga o letramento em IA como dimensão central da formação dos estudantes na contemporaneidade.

Além disso, a experiência dos estudantes com as entrevistas e o glossário revelou que a IA pode ser incorporada de forma satisfatória nas propostas fundamentadas na Aprendizagem Baseada em Projetos (ABP). O emprego do *ChatGPT* não se sucedeu de maneira isolada nem como atividade meramente instrumental; ao contrário, ele esteve na esteira de um percurso didático que envolveu a leitura de uma novela sociolinguística, a discussão teórica sobre língua e variação, uma investigação empírica, a produção coletiva e a socialização dos resultados. Nesse contexto, os resultados corroboram a afirmação de Bender (2015) sobre a utilização de tecnologias em ambientes de ABP: sua contribuição é mais significativa quando estão envolvidas na solução de problemas reais, na colaboração entre colegas e na criação de conhecimento relevante. No projeto proposto, o estudo da língua como fenômeno social foi reforçado, pois os estudantes tiveram a oportunidade de investigar os usos reais da língua, integrando teoria, prática e tecnologia.

A etapa final do projeto consistia na confecção de um *Padlet*ⁱⁱ do grupo com todos os produtos da pesquisa: trechos da obra de Bagno (2010), áudio com a entrevista e glossário de palavras ou expressões típicas de uma variação linguística. O *Padlet* é um mural virtual que permite a interação dos usuários e no qual é possível postar vários materiais, tais como textos, fotos, vídeos e *links*, por exemplo. Numa perspectiva de aprendizagem contemporânea, o *Padlet* tem como princípio o desenvolvimento de competências como colaboração, comunicação, trabalho em equipe e criatividade em ambiente *on-line*.

De acordo com Furuno *et al.* (2021), o *Padlet* se insere na perspectiva da aprendizagem por projetos, uma “abordagem que tem como princípio o desenvolvimento de competências por meio da interação e do compartilhamento de conhecimento, sendo o desafio originado no contexto dos estudantes que realizam tarefas e atividades contextualizadas” (Furuno *et al.*, 2021, p. 117). A abordagem baseada em projetos é, contemporaneamente, uma das formas mais eficazes de engajar os alunos a partir de conteúdos acadêmicos trabalhados de forma inovadora e empolgante, em prol da seleção de conteúdos para compreender as questões da realidade do mundo.

O Grupo B apresentou o seguinte *Padlet*, como mostrado na Figura 6.



Figura 6 - Padlet



Fonte: <https://padlet.com/jumalecole/relat-rio-do-livro-u6195af130hkd2h2>. Acesso em: 28 jan. 2026.

O *Padlet* permitiu evidenciar como o conhecimento é socialmente construído a partir da apresentação de produtos advindos de um trabalho colaborativo, reflexivo e crítico dos alunos do 1º ano do Ensino Médio no que tange às nuances da variação linguística. Além disso, a partir dessa experiência, vimos que os alunos puderam contribuir ativamente para a aprendizagem do grupo. Por outro lado, a professora regente, nesse contexto, assumiu o papel de mediadora, facilitadora e curadora do conteúdo, pois os estudantes, autonomamente, responsabilizaram-se pelo processo de aprendizagem sobre a língua, o qual é útil também para a compreensão do contexto social.

Conclusão/Considerações finais

O uso da Inteligência Artificial (IA) na educação tem sido um tema bastante controverso, pois, para alguns, essa ferramenta pode auxiliar os estudantes em suas demandas educacionais; para outros, esse recurso pode tornar os alunos mais preguiçosos para pensar de maneira autônoma. Segundo Moura e Carvalho (2023, p. 161), “quando o aluno tem acesso a ferramentas que o ajudam a compreender melhor e a enriquecer os temas em estudo, sente-se mais encorajado a aprender autonomamente no seu ritmo e consequentemente atingir melhores desempenhos”. A partir da experiência com o IAG no estudo da língua e da variação linguística, observamos que o *ChatGPT* representou um eficiente assistente pessoal do aluno e um motivador para um melhor desempenho dos estudantes em assuntos, essencialmente, teóricos. Ademais, o uso da IA simboliza um instrumento de apoio ao professor e um meio de personalização de ensino ao estudante.

Percebemos que a ferramenta da *OpenIA* auxiliou os alunos na tarefa de definir perguntas para uma entrevista a respeito de um assunto sobre o qual os



estudantes não tinham repertório sociocultural e acadêmico prévio, uma vez que se tratava do primeiro contato deles com a Teoria Variacionista. Sem o auxílio da IA, eles enfrentariam desafios para formular perguntas interessantes e pertinentes ao assunto. Diferentemente do que apregoam alguns estudiosos, percebemos que os alunos, de maneira geral, não cometeram plágio, pois muitos deles não copiaram literalmente as perguntas, mas sim as tomaram como sugestões para o desenvolvimento do trabalho. Os estudantes possuem noções éticas, conhecem o conceito de plágio e sabem dos riscos de assumir uma recomendação da IAG sem o devido senso crítico; sendo assim, fizeram adaptações.

A experiência com a Inteligência Artificial em sala de aula, apesar de exitosa de maneira geral, suscitou alguns debates no que concerne aos pontos de aperfeiçoamento. Os alunos, mesmo tendo a anuência da regente para utilizarem o *ChatGPT*, ficaram inseguros inicialmente com a proposta. Isso ocorre porque a cultura escolar ainda é bastante tradicional, retrógrada e ineficiente frente às necessidades contemporâneas. A inserção da IA na escola, para otimizar o processo de ensino-aprendizagem, é inevitável; sendo assim, precisamos pensar na mudança da cultura escolar e dos seus agentes (alunos, professores e gestores) em prol das necessidades da Era Digital.

Nessa nova cultura, há de existir uma mudança no projeto pedagógico da escola e no formato das aulas, que precisam ser mais dinâmicas com o uso das tecnologias. Os professores devem ser treinados para conhecer, usar e incentivar os recursos de IA por parte dos alunos, assim como receber formação continuada para que possam saber usar a IA e conduzir os processos de aprendizagem dos estudantes. Estes precisam, no novo contexto, construir conhecimentos diversos de maneira independente, ética, segura e colaborativa. Nessa lógica, a gestão “precisará tomar consciência dos caminhos a seguir e mobilizar recursos para implementar novos modelos” (Silva; Camargo, 2015, p. 180), assim como investir em recursos voltados à infraestrutura para a educação tecnológica. Em suma, é necessário investir no letramento digital de todos os atores da educação, para que as inseguranças manifestadas entre os alunos participantes da experiência de estudar variação linguística com o auxílio da IA sejam minimizadas.

Em resumo, o trabalho com os alunos do 1º ano do Ensino Médio mostrou que precisamos investir mais num letramento em IA, para que, por exemplo, esses estudantes possam manejar com mais assertividade o *ChatGPT*. Esse letramento, então, trataria, conforme Pereira e Moura (2023), da capacidade de o indivíduo comandar, compreender, avaliar e interagir com os produtos fornecidos pela IA, bem como refletir sobre os impactos socioculturais da Inteligência Artificial. Contemporaneamente, o letramento em IA e o desenvolvimento de um pensamento computacional são, segundo o **Referencial para desenvolvimento e uso responsáveis de Inteligência Artificial na Educação** (Brasil, 2026), uma dimensão central da formação dos adolescentes



em prol da construção de conhecimentos, habilidades e atitudes que possibilitem uma interação consciente, responsável e contextualizada com a IA. Com isso, os alunos podem sugerir *prompts* mais detalhados, com maiores chances de trazer respostas pertinentes, além de permitir a eles avaliarem criticamente quais delas são imprecisas, inverídicas ou necessitam de aperfeiçoamento da inteligência humana.

Referências

ALVES, L. **Inteligência artificial e educação**: refletindo sobre os desafios contemporâneos. Salvador: EDUFBA, 2023.

BAGNO, M. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BAGNO, M. **A língua de Eulália**: novela sociolinguística. 17. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

BAGNO, M. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 55. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. 70.ed. São Paulo: Almedina Brasil, 2016.

BENDER, W. N. **Aprendizagem baseada em projetos**: educação diferenciada para o século XXI. Tradução: Fernando de Siqueira Rodrigues. Revisão Técnica: Maria da Graça Souza Horn. Porto Alegre: Penso, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Matriz de Referência para o Enem 2009**. Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Gestão da Informação, Inovação e Avaliação de Políticas Educacionais. **Referencial para desenvolvimento e uso responsáveis de Inteligência Artificial na Educação**. Brasília: MEC, 2026. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/referencial-de-ia-na-educacao>. Acesso em: 14 mar. 2026.

FURUNO, F.; TOMELIN, K. N.; SANTOS, L. Ferramentas para impulsionar a



aprendizagem virtual. In: ROCHA, A. D. G. da; OTA, M. A.; HOFFMANN, G. (orgs.). **Aprendizagem digital**: curadoria, metodologias e ferramentas para o novo contexto educacional. Porto Alegre: Penso, 2021. p. 113-122.

GUIMARÃES, T. C. **Comunicação e linguagem**. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012.

HARARI, Y. N. **21 lições para o século 21**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

MCCARTHY, J. **What is artificial intelligence**. 2007. Disponível em: <http://www-formal.stanford.edu/jmc/whatisai/>. Acesso em: 28 jan. 2026.

MENDONÇA, M.; BOVOLenta, M. G.; ROSA, B. O.; SOUZA, L. B. Inteligência artificial, fundamentos, conceitos, aplicações e tendências. In: MARTINS, E. R. (org.). **Ciência, tecnologia e inovação**: experiências, desafios e perspectivas 3. Ponta Grossa: Atena, 2023. p. 34-46.

MOURA, A.; CARVALHO, A. A. Inteligência Artificial para ensinar e para aprender. In: ALVES, L. (org.). **Inteligência Artificial (IA) e Educação**: refletindo sobre os desafios contemporâneos. Salvador: Editora EDUFBA, 2023. p. 155-168.

MUSSI, R. F. F.; FLORES, F. F.; ALMEIDA, C. B. Pressupostos para a elaboração de relato de experiência como conhecimento científico. **Revista Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 17, n. 48, p. 1-18, out./dez. 2021.

OCHS, M. **Educação midiática e IA**: glossário anotado com links e referências para aprofundar pesquisas e disparar projetos. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2024.

PEREIRA, I. da S. D.; MOURA, S. A. de. Explorações teóricas e oportunidades de integração curricular do letramento em Inteligência Artificial na Educação Básica. In: **Anais do Coninter**: crise civilizacional, conhecimentos ancestrais e pensamento decolonial na América Latina. Anais... São Paulo (SP) EACH-USP, 2023. Disponível em:



<https://www.even3.com.br/anais/xiiconintercongressointernacionalinterdisciplina remsociaisehumanidades359374/745386EXPLORACOESTEORICASEOPORT UNIDADESDEINTEGRACAOCURRICULARDOLETRAMENTOEMINTELI GENCIA-ARTIFICIAL-NA-EDUCACA>. Acesso em: 28 jan. 2026.

RODRIGUES, R. T. P. A inteligência artificial generativa como assistente da comunicação institucional: um estudo exploratório das potencialidades e limitações de um evento pensado da IA pela IA. In: MAGALHÃES, S.; XAVIER, M. V.; MIRACELLY, K.; NOVIKOFF, C. (orgs.). **Inteligência Artificial na Educação e na Comunicação**. Rio de Janeiro: CEP/FDC; Curitiba: CRV, 2023. p. 109-131.

SILVA, R. A. da; CAMARGO, A. L. A cultura escolar na Era Digital: o impacto da aceleração tecnológica na relação professor-aluno, no currículo e na organização escolar. In: BACICH, L.; TANZI NETO, A.; TREVISANI, F. de M. (orgs.). **Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação**. Porto Alegre: Penso, 2015. p. 169-190.

ⁱ O texto contém orientações, princípios e sugestões para fomentar a incorporação ética e socialmente responsável da inteligência artificial nos processos de ensino, em conformidade com as leis em vigor e com os princípios que fundamentam a educação como um direito e um bem coletivo. O **Referencial para desenvolvimento e uso responsáveis de Inteligência Artificial na Educação** é um instrumento norteador para instituições, educadores, gestores e equipe de políticas públicas.

ⁱⁱ *Padlet* do Grupo A. Disponível em: <https://padlet.com/anaelisa18112009/gloss-rio-a-lingua-de-eul-lia-fm8ghj7zduxdjgre>.

Padlet do Grupo B. Disponível em: <https://padlet.com/lhspessoa/a-l-ngua-de-eul-lia-toi2g6yp9hd1axtp>.

Padlet do Grupo C. Disponível em: <https://padlet.com/jumalecole/relat-rio-do-livro-u6195afl30hkd2h2>.